

MEMÓRIA: Presente e Passado em Itambacuri

TEÓFILO CARLOS DE OLIVEIRA¹

Quem passar pelo centro da pequena cidade de Itambacuri nos dias atuais, poderá ter sua curiosidade aguçada pelos monumentos e homenagens que ali se encontram. Todo itambacuriense, se indagado, prestará informações entusiásticas sobre aqueles dois senhores de pedra que guardam zelosamente o desenvolvimento e o progresso da pequena cidade, desde os tempos da fundação do Aldeamento indígena Nossa senhora dos Anjos do Itambacuri.

Localizada no nordeste mineiro, trinta quilômetros ao sul de Teófilo Otoni, Vale do Mucuri, Itambacuri conta com aproximadamente vinte mil habitantes, com suas cachoeiras e terras férteis lendárias para seu povo.

Os Senhores de pedra, colocados na praça central da pequena cidade, representam, sob a matéria sólida, a memória que se quer guardar desde os tempos de sua fundação até o desenvolvimento atual de Itambacuri. Estão representados no monumento frei Seraphim de Gorízia e frei Ângelo de Sassoferrato, fundadores do Aldeamento de Itambacuri em 1873, referência da memória coletiva dos itambacurienses, que ouvem as histórias da fundação da cidade pelos frades capuchinhos desde muito cedo, estando seus principais elementos ilustrados na praça central da cidade.

Jacques Lê Goff (2003), em sua obra *História e Memória*, apresenta conceitos para memória, desde os aspectos biológicos e psicológicos até os sociológicos. A memória humana é capaz de apreender tanto os fatos ocorridos, quanto a narrativa destes. Nesse caso, entra o papel da linguagem e da oralidade, que permite a transição dos fatos ao longo do tempo.

Observo que, na história de Itambacuri, essa transição dos fatos ao longo do tempo, progressivamente, reforça a memória coletiva vinculada a um discurso oficial. Reportando-me a Michael Pollak (1989), seriam discursos de acontecimentos “vividos por tabela”, acontecimentos que a população local não vivenciou, mas que tomaram tamanha importância no discurso local que é difícil não se sentir parte integrante da história contada. “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de

¹ Mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra – USS. Aluno especial do programa de doutorado em História pela UnB. Professor de História da América na Faculdade Projeção e Estudos Clássicos na Faculdade IESA. Professor de História na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.” (POLLAK. 1989)

A História exerce papel importante na construção da memória coletiva ao selecionar o que acredita ser importante. É o que Walter Benjamin (1985) trata como uma relação de empatia. Na história vivida em Itambacuri, como nas afirmativas de Benjamin, são com os vencedores que o investigador historicista estabelece essa relação de empatia, deixando esquecidos no passado os atores nativos, componente fundamental na história de uma cidade originada de um aldeamento indígena.

Em Itambacuri, a história local evoca a memória de diversas maneiras quanto à importância do trabalho dos frades italianos fundadores da missão – livros, histórias contadas, registros, nomes de ruas, fotografias... O monumento edificado na praça central da cidade conduz a população local a uma memória coletiva oficial, permeada por esquecimentos que na perspectiva de Benjamin são típicos dos monumentos. “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”. (BENJAMIM. 1985)

Fotografia



Frei Serafim de Gorisia e Frei Ângelo de Sassoferrato²

² Monumento em homenagem aos fundadores do aldeamento de Itambacuri edificado na praça central de Itambacuri. Fotografia de 18 de Agosto de 2006.

Lê Goff afirma que há por parte da história uma manipulação da memória coletiva. A conservação da memória está ligada a questões sociais, sendo transmitida de forma oral ou escrita, não significando que uma forma seja superior a outra, mesmo porque, nas sociedades que não dominavam a escrita, podemos encontrar uma forte presença da memória, expressa através dos mitos, na maioria das vezes ligados às origens. Além dos mitos, destacou a importância da transmissão oral dos segredos de profissão que permitiram o aperfeiçoamento de técnicas.

Em Itambacuri, o monumento aos capuchinhos parece cumprir com eficácia sua característica voluntária de ligar-se ao poder de perpetuação das lembranças que se quer guardar: reafirma a história da fundação do aldeamento de índios pelos padres capuchinhos e ilustra o que se ouviu e aprendeu desde a infância. As estátuas de pedra na praça central indicam, de forma já selecionada, a parte da história da cidade que se quer evidenciar para os moradores e para os que estão de passagem ou visitantes.

Ao refletir sobre a história da cidade de Itambacuri, imbricada à história do Brasil no final do Império, perpassada pelo progressivo e lento fim da escravidão, da questão das terras indígenas, do aproveitamento dessa população originária como mão-de-obra e principalmente do ideal de “civilização” que buscou uma integração subordinada dos povos indígenas ao Estado, é perceptível a lacuna formada sobre a participação da população nativa. Como se estabeleceu a memória atual da pequena cidade de Itambacuri? Paul Ricoeur (2007) em sua obra “O Esquecimento” alerta que a memória é o passado, mas não só o passado, é também esquecer, é presente, passado e futuro em uma perspectiva descontínua. A atual história de Itambacuri, tomando ainda de empréstimos o pensamento de Ricoeur, foi construída sobre a memória que é a representação, o aparecer denovo, a presentificação da ausência da imagem dos missionários.

A cidade surgiu com o aldeamento dos grupos nativos que se encontravam na região pelos dois padres, tendo como diretor Frei Seraphim e vice-diretor Frei Ângelo. O primeiro, um grande intelectual de família nobre italiana, teria deixado tudo pelo ideal missionário da evangelização, o segundo, sem os mesmos dotes intelectuais, tornou-se companheiro inseparável de frei Seraphim ao longo dos quarenta e cinco anos em que trabalharam juntos no aldeamento.

Dialogando com diversos grupos de idades variadas no município de Itambacuri, observo em suas memórias sobre a origem da cidade, a preponderância da participação dos dois

missionários capuchinhos em detrimento de outros grupos ou outros atores que compartilharam daquele momento.

Alguns itambacurienses narram a história de sua cidade emocionados, atribuindo valores épicos aos feitos dos dois capuchinhos, como é o caso do escritor e produtor rural, senhor Serafim Ângelo da Silva Pereira que, por época de seus 87 anos contou de forma apaixonada a memória histórica que viveu ao longo de sua vida. Chegou a conhecer o missionário, Ângelo de Sassoferrato, que faleceu quando ele tinha apenas sete anos de idade.

A força, o prestígio e o carisma dos missionários ficaram para os itambacurienses evidentes em suas relações com os nativos, nas negociações políticas com o Império, ou mesmo com a República e na admiração que adquiriram no aldeamento. Essas virtudes podem ser observadas em diversos documentos e na narrativa do senhor Serafim Ângelo que, orgulhosamente, tem no nome uma homenagem feita por seus pais aos dois padres capuchinhos fundadores de Itambacuri.

A história de Itambacuri é pobre, embora tenha sido fundada por dois intelectuais da subordem franciscana. Vieram para servir de pacificadores dos índios que andavam em constantes atritos uns com os outros... houve uma revolta dos índios no dia 24/05/1893, eles emboscaram e flecharam os dois padres, aí então é que houve maior aversão pelo estudo da língua indígena; alguém que queria estudar era desencorajado (estudar língua de bicho, de bugre, de capeta?) ... Os motivos da revolta é uma incógnita até hoje, ninguém sabe, eles eram amigos dos padres e de repente revoltaram, depois voltaram a ser amigos dos padres e nunca mais houve desentendimento desse tipo, os padres os perdoaram e continuaram amigos...³

O depoimento do senhor Serafim Ângelo, juntamente com o que se ouve da população em Itambacuri nos dias atuais, compõe o conhecimento popular acerca da criação do aldeamento e consequente formação dessa cidade. Serafim Ângelo traduziu em suas obras “Itambacuri e Sua História” volumes I, II e III, as histórias que se ouve na cidade, carregadas de admiração e gratidão aos dois capuchinhos, símbolos da benevolência divina para com aquele local desprovido de “civilização”.

Para grande parte dos itambacurienses, como para o escritor Serafim Ângelo, os dois missionários foram predestinados por Deus às mais santas e duradouras incumbências de evangelizar os pagãos, trazendo-os à luz do conhecimento ocidental.

³ Depoimento gravado em entrevista com o senhor Serafim Ângelo Pereira da Silva, reconhecido pela população local como o mais sábio conhecedor da história de Itambacuri. Em 18/08/2006

Além do monumento, das homenagens e das lendárias histórias que são contadas no município sobre a organização e zelo digno de europeus, na formação da cidade, a historiografia local também dá sua contribuição para a memorável saga franciscana, como podemos ver a seguir:

... barrando-lhe todos os esforços e principalmente, dos que lhes sucederam, surgiu logo de início, o fantasma dos silvícolas. O choque de interesses entre esses e os recém-chegados e por ser destituídos de quaisquer princípios de respeito aos direitos humanos, insolentes e falsos (...) salteavam as fazendas, matavam pelos motivos mais fúteis...⁴

Na medida em que a historiografia local segue oficializando alguns elementos como o exemplar acima, as múltiplas memórias do itambacuriense vão se perdendo. Por isso a necessidade de repensar a historiografia local a partir de novos estudos e análise de depoimentos na comunidade local, buscando a participação dos atores indígenas. Michael Pollak (1989) aponta a história oral como recurso para análise dos excluídos, uma vez que essa metodologia permite ressaltar a importância das “memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial”.

Há prioridade e seleção dos aspectos mais convenientes com os interesses de quem constrói a história, ocultando, nesse caso, a presença dos nativos e dos mestiços que foram, sem dúvida, pedra fundamental na composição da sociedade itambacuriense e que ficaram marginalizados da memória coletiva em benefício de interesses políticos, etnocêntricos e religiosos.

Diante da história vivenciada em Itambacuri atualmente, proponho uma reflexão sobre a memória indígena, memória que remonta aos motivos de sua fundação – a organização de um aldeamento de índios que viviam nas adjacências do município de Teófilo Otoni. Para isso é preciso pensar as diferenças entre história e memória e como Pierre Nora (1993) considerar, ainda, a manipulação historiográfica que relegou os povos indígenas de Itambacuri ao esquecimento.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. (NORA. 1993)

⁴ Retirado de “Itambacuri e Sua História” volume I, obra de Serafim Ângelo Pereira da Silva

Se o que remete o cidadão a uma reflexão sobre suas origens são coisas materiais, em Itambacuri isso se encontra em abundância, nos contos, monumentos, declaração de descendência doada pelos padres, os próprios capuchinhos, ali ainda hoje, conduzindo a espiritualidade da maioria da população. Todos esses elementos concretos fazem aguçar a memória no que tange à história do município, em relação estreita com os missionários fundadores do aldeamento.

Ao escrever sobre o entrave que se tornou o nativo para o desenvolvimento da colonização, o admirável itambacuriense senhor Serafim Ângelo da Silva Pereira constrói uma história local e, ao mesmo tempo, dispersa a memória coletiva de outros segmentos. Os escritos locais, os monumentos, não remetem a outro tipo de reflexão que não seja a exaltação aos dois homens de pedra da praça central de Itambacuri. Acerca dos grupos nativos, restou uma sabedoria generalizante que os rotulou como selvagens incultos, necessitados da misericórdia cristã e dos benefícios do desenvolvimento luso-brasileiro. Pouco se alterou a perspectiva do itambacuriense acerca dos atores indígenas da região; entretanto, ao trabalharmos com os assentamentos de batismos e matrimônios em Itambacuri, entendemos que estes grupos, embora seus nomes não tenham se tornado ilustres na história e historiografia local, foram atores ativos do processo de construção da cidade. “O registro paroquial, em que são assimilados, por paróquia, os nascimentos, os matrimônios e as mortes, marca a entrada na história das “massas dormentes” e inaugura era da documentação de massa.” (LE GOFF. 2003)

Há de fato uma centralização tendenciosa na história local, que reforça a aura mítica dos capuchinhos pioneiros, frei Seraphim de Gorizia e frei Ângelo de Sassoferrato, em detrimento da participação dos agentes nativos e mestiços. Tal discussão não sugere nenhum demérito à obra dos missionários, mesmo porque são inegáveis todos os seus esforços e fidelidade à fé que professavam, bem como suas mazelas. O que se propõe é um esforço em compreender a forma como a população nativa, com suas peculiaridades e riquezas, foi sendo apagada da memória coletiva itambacuriense, ficando relegada à condição de meros aldeados, “domesticados” e, além de paulatinamente esquecidos, anulados plenamente em suas características étnicas e culturais.

Na observação de conversas informais pelas ruas da cidade ou em depoimentos, mesmo de pessoas de nível cultural acadêmico mais elevado, quando se levanta a questão da origem do município, a memória dos entrevistados está sempre fixada nos dois diretores do aldeamento. Resta

pouquíssimo conhecimento acerca de outros atores. Situações, vontades, feitos, heranças e marcas envolvem sempre os dois senhores de pedra da praça como protagonistas. Se em Itambacuri, uma cidade fundada através do trabalho do povo nativo, seu agrupamento e “evangelização”, não há alimento para a permanência da memória coletiva desse povo, nas cidades brasileiras originárias a partir de seu afugentamento ou extermínio, dificilmente será encontrado um de seus traços culturais.

É curiosa a forma como o processo de transculturação e construção historiográfica atingiu a memória do povo nativo em Itambacuri. Em seus estudos, Pollak (1989) introduz o conceito de enquadramento da memória, que traduz no caso da história de Itambacuri o desejo de enquadrar a memória local dentro dos padrões da história nacional. Além desse enquadramento, o autor chama a atenção para a questão do trabalho de manutenção, feito pela própria memória “de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”. O monumento de pedra da praça é apenas um exemplar.

Em Itambacuri é possível comprovar documentalmente que grande parte da população originou-se de casamentos entre indígenas e nacionais. Casamentos que foram estimulados pelos “protagonistas” da história do município, como forma de facilitar o controle sobre o “selvagem”, garantindo seu enquadramento nos padrões comportamentais do branco civilizado. Entretanto, mesmo sendo de conhecimento da população, a participação dos indígenas na estruturação da sociedade de Itambacuri, não se ouve lendas, causos, dialetos ou contos desses primeiros povoadores que, pelo processo da miscigenação, se fazem presente em muitos itambacurienses até os dias atuais.

Não há ali nada de concreto que possa acessar, aguçar ou alimentar a memória do cidadão aos elementos e características dos nativos dos tempos do início do aldeamento. Mesmo aquelas figuras que se destacaram por estar atuando diretamente ao lado dos aldeadores, ou em extrema oposição a eles, são geralmente esquecidos do conhecimento popular local, fato perceptível em conversas no município e historiografia local.

Nomes de nativos e mestiços que tiveram destaque no aldeamento, como Domingos Pacó, que foi nomeado professor do povoado aos 14 anos de idade, não aparecem entre os depoimentos ou escritos sobre a história local. Pacó, professor bilíngue, se reconhecia como nativo e após 18 anos no exercício da função de professor, foi substituído e retornou para a vida nas matas. O professor foi identificado com os “graves defeitos” dos nativos que, na visão dos aldeadores, educava os mesmos junto aos maus costumes e bebedeiras.

É compreensível a demissão do professor mestiço, sendo esse cada vez mais identificado com os interesses do povo nativo. Por outro lado, é preciso entender os motivos que levaram Domingos Pacó, assim como tantos outros atores nativos, a ficarem perdidos na história popular itambacuriense.

De fato, os nativos se fizeram presentes na história da formação da cidade como elementos fundamentais, o que comprova que os elementos do passado não se perpetuam involuntariamente em totalidade na história, mas que sua condição de sobrevivência na memória coletiva de um determinado povo está atrelada a uma seleção desses elementos, atores e acontecimentos, por agentes que se dedicam ao estudo do passado com as relações atuais, os historiadores.

Há em Itambacuri poucas famílias que se reconhecem como descendentes dos nativos aldeados no século XIX. Em raros casos encontramos alguns que se reconhecem e se orgulham de sua ascendência, inclusive alguns possuem declarações doadas pelos padres capuchinhos, que atestam essa ascendência. Contudo, mesmo para esses, a memória da fundação e o desenvolvimento do município estão atrelados ao trabalho missionário de frei Serafim e frei Ângelo, que é reportado por eles em detalhes, enquanto as histórias ligadas aos trabalhadores nativos e mestiços do aldeamento, ascendentes familiares de quem se orgulham, são sempre contadas de forma genérica e pobre em detalhes.

Ao trabalhar a temática da memória indígena em Itambacuri, vejo relevância e pertinência nos argumentos de Tzvetan Todorov (2000) ao afirmar que o passado é indispensável, mas que o passado não rege o presente e que pelo contrário, o presente faz uso do passado como prefere. As lembranças dos indígenas, que viveram e ainda estão presentes na sociedade de Itambacuri, podem emergir no tempo presente. Nesse sentido, além do estudo dos documentos escritos, proponho a utilização da história oral como um procedimento para a produção do conhecimento histórico local. A história dos indígenas de Itambacuri a ser construída passa necessariamente pelo crivo da memória. Há pontos de contato entre o conhecimento atual da sociedade itambacuriense e o passado vivido pelas tribos indígenas da região ali aldeados. “História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história, ...” (DELGADO. 2010)

Em Itambacuri, a história que se aprendeu foi a dos vencedores, dos colonizadores, do branco civilizado. Desde os tempos de escola, vive-se a história de sua cidade a partir do

engrandecimento dos homens de pedra, representados no monumento da praça. Não se valorizou fontes ou artifícios que os levem a interessar-se pela participação dos nativos. Os detalhes, o entusiasmo das páginas escritas sobre a história local não inclui os atores nativos.

Assim, passados mais de doze décadas do início do aldeamento, observo que os valores, crenças e costumes dos nativos, continuam sendo dizimados e suas memórias diariamente apagadas da construção da história de Itambacuri. Uma retomada de estudos sobre a história do aldeamento buscando dar voz aos múltiplos atores envolvidos no processo histórico ali desenvolvido é de fundamental importância.

FONTES:

Livros de Batizados do Arquivo da Paróquia Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri.

Livros de Casamentos do Arquivo da Paróquia Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri.

Livro de Recenseamento das famílias Pojichás do ano de 1912 do Arquivo da Paróquia Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri.

PEREIRA, Serafim Ângelo. Entrevista concedida a Teófilo Carlos de Oliveira. Itambacuri, 18 de Agosto de 2006.

Entrevistas aleatórias com pessoas de Itambacuri.

BIBLIOGRAFIA:

AMOROSO, Marta Rosa. *Mudança de Hábito: Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos*. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1998.

BENJAMIN, Walter. “ *Sobre o conceito de História.*” In: Obras escolhidas. v. I, São Paulo, Brasiliense, 1985.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização.* 4 ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1992.

CULTRERA, Samuel. *Entre os Selvagens.* Trad: Teodolindo A. da Silva Pereira. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2001.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Legislação Indigenista no Século XIX.* São Paulo: Edusp, 1992. 360 p.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades.* 2 ed. (parte 1). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DUARTE, Regina Horta. *Notícia sobre os Selvagens do Mucuri.* Belo Horizonte: UFMG, 2002. 184 p.

JOSÉ, Oilian. *Os indígenas de Minas Gerais: Aspectos sociais, políticos e etnológicos.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1965. 217p.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico.* 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 117 p.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória. Documento/Monumento.* 5 ed. Unicamp: Campinas, 2003. P. 535

_____ “Memória “ In *El orden de la memoria*, México, Paidós, 1992

MARCATO, Sônia de Almeida. *A Repressão contra os Botocudos em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Boletim do Museu do Índio: Etno-História. 1979. 57p.

MATTOS, Izabel Missagia de. *Civilização e Revolta: Os Botocudos e a Catequese na Província de Minas*. Bauru: Edusc, 2003. 492p.

NORA, Pierre. “*Entre Memória e História: a problemática dos lugares*”. In: Revista Projeto História. PUC/SP, nº 10, 1993.

PALAZZOLO, Frei Jacinto de. *Nas Selvas dos Vales do Mucuri e do Rio Doce*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973. 344p.

PEREIRA, Serafim Ângelo da Silva. *Itambacuri e Sua História. Volume I*. Belo Horizonte: 1989. 118 p.

_____. *Volume II*. 1991. 233 p.

_____. *Volume III*. 1999. 334 p.

Pollak, Michel. “*Memória, Esquecimento e Silêncio*”, em Revista Estudos Históricos, Memória, Rio de Janeiro, 1989. Revista digitalizada

Polack, Michel. “*Memória e Identidade*”, em Revista Estudos Históricos, Memória, Rio de Janeiro, 1989. Revista digitalizada.

Ricoeur, Paul. “*El Olvido*” In Ricoeur, Paul, *A memória, a História, o esquecimento*, Campinas, EDUNICAMP, 2007

SUESS, Paulo (org). *Cultura e Evangelização*. São Paulo: Loyola, 1994.

_____.A Multiplicidade das Vozes na Conquista Espiritual da America : *Lógica e Testemunhos da Cristandade Colonial*. in Cultura e Colonização. São Paulo : Loyola, 1991.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: A Questão do Outro*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 246

_____ *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000